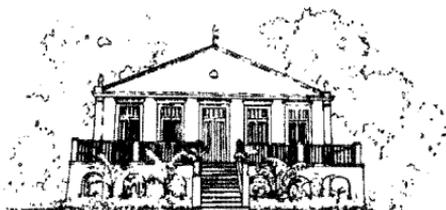


PR/SCT/CNPq  
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI  
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:  
Estudos Biográficos do Museu  
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará  
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

Presidente: José Sarney

**SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

**COMISSÃO DE EDITORAÇÃO**

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989  
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

## Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

## Sumário

Apresentação . . . . .	12
Prefácio . . . . .	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880) . . . . .	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899) . . . . .	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900) . . . . .	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888) . . . . .	59
José Ferreira Cantão (1827-1893) . . . . .	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906) . . . . .	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878) . . . . .	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912) . . . . .	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919) . . . . .	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929) . . . . .	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946) . . . . .	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957) . . . . .	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984) . . . . .	138
Walter Alberto Egler (1924-1961) . . . . .	150

# Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

*Oswaldo Cunha* orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha  
Diretor Geral  
MPEG/CNPq/SCT

## Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma *sumária*, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-

turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranqüilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

# Edgar Leopold Layard

(1824-1900)

Entre os naturalistas estrangeiros que estabeleceram base em Belém e colaboraram com o Museu Paraense nos seus primeiros anos de existência, encontra-se o inglês Edgar Leopold Layard, famoso ornitólogo, nascido em Florence, Inglaterra, no dia 23 de julho de 1824. Começou sua carreira pública em 1846 com 22 anos, em Ceilão, antiga Índias Orientais, então colônia britânica, como tantos outros homens de categoria da Inglaterra.

O jornal "Diário do Gram Pará", de 12 de julho de 1872, divulgava os seguintes tópicos sobre Leopold Layard:

"Seus talentos valeram-lhe pouco depois a nomeação de Secretário e de outros cargos naquela Colônia, onde serviu até 1855, quando resignou, transferindo sua residência para o Cabo da Boa Esperança (Capetown).

O governo inglês tendo sucessivamente celebrado tratados em Portugal e Estados Unidos para a supressão do tráfico de escravos africanos, escolheu e nomeou em 1862 o Sr. Layard para árbitro da Comissão

mista anglo-portuguesa e árbitro do tribunal misto anglo-americano, na colônia do Cabo, onde o nomeado exercia outro cargo civil; e de tal sorte desempenhou ele aquelas delicadas comissões que em 1867 foi promovido a Juiz do Tribunal misto anglo-americano.

Um ano antes de ser escolhido para essa comissão, foi nomeado Secretário particular do Governador, que era então Sir George Grey e, neste caráter, acompanhou S. Exa. em viagem à Nova Zelândia, conservando na colônia o cargo que ocupava.

Nestas e em outras viagens em que se apuravam e se desenvolviam, cada vez mais, seus estudos e seu pronunciado gosto pela Ciência da Natureza, o Sr. Layard não perdia ocasião de exercer sua atividade e de prestar bons serviços às ciências, como bem o provam os títulos que lhe conferiram diversas associações, das quais só mencionamos as seguintes:

Em 1844 foi eleito membro correspondente da Sociedade Etnológica de Londres.

Em 1850 deu-lhe igual título a Sociedade Batava das Artes e Ciências.

Em 1853 a Sociedade Real Zoológica de Londres o elegeu seu sócio.

Em 1859 foi também eleito membro da Real e Imperial Sociedade de Zoológica e Botânica de Viena.

Enfim, a Sociedade de Aclimação de Victoria, conferiu-lhe uma medalha em reconhecimento dos eminentes serviços prestados não só à dita Sociedade, mas também à causa da aclimação em geral.

Mas, de todos os serviços em prol do progresso das ciências, nenhum foi tão importante como o estabelecimento do Museu Austro-Africano, na cidade do Cabo, em 1855. O Sr. Layard conseguiu fundá-lo e organizá-lo com mil embarços e dificuldades. Graças, porém, à perseverança de seu fundador e aos seus esforços para obter, como obteve, da Legislação da Colônia e do Parlamento um auxílio pecuniário, o Museu do Cabo acha-se hoje montado e tão enriquecido que, dentre os Museus de segunda ordem, nenhum outro há no mundo que lhe seja superior”.

Depois destas atividades, o Sr. Layard foi transferido para o Serviço Consular britânico. A Inglaterra vivia a era da rainha Victória, a idade de ouro da nação. Em 1872 Layard foi nomeado Cônsul de sua Majestade em Belém, aqui aportando a 19 de junho desse ano. Partiu de Liverpool no navio “Lisbonense” a 18 de maio. No dia seguinte ao da chegada a Belém, informa o Cônsul, a primeira coisa com que deparou na cidade foi um urubu sobre o telhado de uma casa, secando as asas no sol. Gostou de Belém por lhe parecer um lugar

sosegado e muito convidativo para estudar as aves locais.

Ainda no mesmo jornal “Diário do Gram Pará”, citado acima, encontramos o seguinte tópico sobre a estada de Le Layard em Belém:

“Segundo fomos competentemente informados, o Sr. Layard, logo que, por uma comunicação que lhe fez o professor Agassiz, soube que se tinha criado um Museu no Pará, para onde acabava de ser nomeado Cônsul, participou com prazer o fato aos seus amigos, conservadores do Museu Britânico, que lhe exprimiram por isso a maior satisfação.

A Província do Pará é o paraíso dos zoólogos e principalmente dos ornitólogos; e isto basta para se compreender a satisfação que tiveram os sábios do Museu Britânico e o Sr. Layard ao saberem que aqui se inaugurava um Museu onde dentro de poucos anos se poderá encontrar reunidos os mais completos e variados espécimes do reino animal, poupando assim aos naturalistas as fadigas, perigos e grandes dispêndios nas diligências de irem procurá-los nas florestas e desertos do interior.

O Sr. Layard deu logo uma prova prática da sua satisfação remetendo ao Museu Paraense uma grande caixa, contendo peles preparadas de 340 pássaros da África e algumas de diversos quadrúpedes. Fez ainda mais: ofereceu o seu concurso na organização do Museu Paraense.

O encarregado deste estabelecimento (Ferreira Penna), conhecendo quão valioso e útil era este oferecimento, aceitou-o logo, de acordo com os dois colegas seus; e segundo estamos informados, trata de obter a competente autorização para oferecer

ao Sr. Layard a direção científica do Museu.

O Sr. Layard como cientista que é, não pode ser considerado estrangeiro entre nós, desde que aceitar a Direção que se trata de oferecer-lhe; suas habilitações científicas, suas relações e correspondências com os sábios e, com diversas associações, e sua experiência em trabalhos da ordem dos que aludimos, podem ser de suma utilidade para o nosso Museu.

Fazemos votos para que se realizem as intenções, e louváveis desejos do encarregado do Museu Paraense, que muito precisa do concurso de naturalistas experimentados como o ilustre Sr. Layard”.

Infelizmente Layard chegou a Belém numa época caótica e de desvario administrativo implantado pelo Presidente da Província, Barão da Vila da Barra. Entre Ferreira Penna e ele desencadeou-se, por despeito do primeiro, grande atrito. O maior prejudicado com isso foi, sem dúvida, o Museu Paraense. Entretanto a útil colaboração de Edgard Layard ao Museu é contada pelo próprio Ferreira Penna no seu escrito “Correspondência oficial entre S. Exa. o Sr. Barão da Vila da Barra, e o encarregado do Museu Paraense”, publicado no Diário de Belém de outubro de 1872:

“A minha última palavra é para o honrado e ilustre Cônsul de S. Majestade Britânica no Pará, o Sr. Edgard Layard. Este cavalheiro que tantos títulos tem ganho a estima e consideração dos sábios e das sociedades científicas, logo que foi nomeado Cônsul para esta Província não só mimoseou o nosso Museu com uma bela coleção de aves e alguns mamíferos, mas ofereceu generosamente seu valioso e utilíssimo con-

curso em benefício do Museu Paraense.

Chegado ao Pará, o Sr. Layard não pôde, apesar dos seus bons desejos, prestar-nos logo o concurso de sua experiência e de seu saber, por estar a casa do Museu em reparos; pouco depois, todavia, começou a indicar o que útil lhe parecia e delineou trabalhos, ordem e planos a seguir na organização e direção do estabelecimento.

Começávamos ativamente os ensaios e execução desses planos quando, de súbito, fui retirado da administração do Museu, por um ato do atual Presidente da Província, de 29 de julho.

A minha posição para com o ilustre cavalheiro que, com tanto interesse para o Museu como para a Ciência, trabalhava diligentemente, acoroçando-me com seu exemplo, tornou-se tão difícil e melindrosa que por alguns dias hesitei sobre o modo que devia proceder.

Eu devia aliás, esta declaração ao Sr. Layard. Era um dever de honra e eu o cumpri pelo modo mais conveniente.

Faço votos os mais sinceros para que o Museu do Pará não fique privado das luzes e concurso valiosíssimo, como necessário, dum homem científico como o Sr. Layard, que tão generosamente se esforçava no empenho de elevar o nosso instituto, à altura dum monumento digno de um grande país”.

As observações de Layard sobre as aves dos arredores de Belém são importantes, sob o aspecto ecológico e taxonômico, pois esclarece sobre o então ambiente natural da cidade em 1872-1873. Na famosa revista científica “IBIS” de Londres,

vol. 3, nº 12, entre as páginas 374 a 396, 1873, o ornitólogo fixou as suas impressões. Começou as suas observações em fins de junho de 1872, isto é, durante o verão desta capital. Visitava as matas dos arredores desde o amanhecer até 9 horas ou pouco mais. Achava a temperatura suave e as manhãs de Belém, na floresta, indescritivelmente deliciosas. Nestas matas de então, Layard encontrava grupos de periquitos e arazaris, bem como outras aves e pássaros. Em sua estada em Belém de quase um ano, obteve 215 espécimes de aves selecionadas, entre os quais se encontravam 115 espécies, sendo algumas novas.

Layard notou, aqui, a singular pobreza de *indivíduos* comparada com o número de espécies existentes, o que achou muito relevante. Tendo oportunidade de visitar as ruínas da célebre Fazenda Velha, às proximidades do Rio Guamá (nos terrenos do antigo IPEAN, hoje EMBRAPA), Layard teve despertada sua atenção para o comuníssimo pássaro conhecido como "Pipira" (*Ramphocoelus carbo carbo*) (Pallas), nome que ele escreveu "Pipilli". O Cônsul inglês morava no arraial de Nazaré, hoje largo do mesmo nome ou Praça Justo Chermont, mas também residia em outra casa na sua de S. João, hoje João Diogo.

No dia 17 de março de 1873, Leopold Layard deixou Belém no Vapor "Lisbonense" com destino à Inglaterra, via Ilha da Madeira, e Lisboa. Havia sido transferido para as Ilhas Fidji, colônia inglesa da Melanésia, Oceano Pacífico. Como Governador administrou estas ilhas até 1875, quando entregou o cargo a Sir Arthur Gordon, recém-nomeado. Estava exausto por 18 meses de tra-

balho e com a saúde abalada. Assim, resolveu repousar na bela ilha Tavuiuri, a terceira maior das Ilhas Fidji. Descansando aí, pôde fazer interessantes estudos nas aves locais, descobrindo algumas ainda não conhecidas. Depois, em 1876, Layard foi nomeado para o Consulado de Nouméa, capital da Nova Caledônia, situada ao largo da Austrália.

Neste posto permaneceu até 1890, quando se retirou para a Inglaterra já aposentado, depois de 47 anos de serviços à nação. Em Nouméa, o filho de Layard era Vice-Cônsul para ajudá-lo nos serviços burocráticos. Durante os 14 anos que passou na Nova Caledônia, Layard teve tempo suficiente para dedicar-se ao estudo da avifauna de numerosas ilhas daquela parte do Pacífico. Desde então quase todos os seus trabalhos eram elaborados com a colaboração de seu filho, de mesmo nome. Eles estudaram as aves da Nova Caledônia, das ilhas das Novas Hébridas e ilhas Lealdade. A principal revista científica em que publicou quase todos os seus trabalhos ornitológicos foi "IBIS", de Londres, acima citada.

Repousando de suas fadigas, Layard veio a falecer no dia 1º de janeiro de 1900 em Buddleigh, Salterton, Devon, com a idade de 76 anos. A revista IBIS, nº 22, abril de 1900, noticiando seu óbito, finalizava que "his genial personality will be greatly missed and regretted by all who have had the pleasure of his acquaintance".

Edgard Layard era irmão do famoso arqueólogo Sir Austen Henry Layard, nascido em 1817 e falecido em 1894. Ambos eram filhos de Henry P.J. Layard do Serviço Civil Britânico na antiga colônia de

Ceilão. A família era de origem francesa de ancestrais Huguenotes que passaram à Inglaterra durante a revogação do Édito de Nantes.

Sir Austen Layard, seu irmão, foi um homem de grande cultura e rija decisão e desde muito cedo interessou-se em descobrir as ruínas de velhas civilizações no Oriente Médio. No Vale dos rios Eufrates e Tigre conseguiu, depois de um extenuante esforço, pôr a descoberto os restos das antigas cidades de Nimrod, Nínive, Babilônia e outros núcleos de civilização da bíblica Mesopotâmia. Publicou inúmeros trabalhos, após as explorações, sobressaindo entre eles "Discoveries in the Ruins of Nimrod and Babilon", 1855, "Niniveh and its Remains", 1848.

### Trabalhos de Edgard Layard sobre a Amazônia.

- 1872. Letter (Carta). *Ibis*, 2:336-338
- 1873. Letter (Carta). *Ibis*, 3(11):331-332
- 1873. Notes on Birds observed at Para. *Ibis*, 3(12):374-396. (With descriptions of two new species by P.L. Sclater).

### Fontes de Consulta

- 1872. Jornal "Diario do Gram Pará", 12 jul.
- 1872. Jornal "Diario de Belém", out.
- 1900. Edgard L. Layard. Obituary. *Ibis*, (22).